

O ROMANCE USINA DE JOSÉ LINS DO RÊGO E AS REPRESENTAÇÕES DA HOMOAFETIVIDADE E DA PROSTITUIÇÃO NA REGIÃO NORDESTE

Giuseppe Roncalli Ponce Leon de OliveiraI (*)

(*) Doutorando no Programa de Pós-graduação em História Social na FFLCH/USP. Licenciado em História e Mestre em Ciências Sociais pela UFCG. E-mail: giuseppedeoliveira@ig.com.br.

Resumo

O romance *Usina* (1936) de José Lins do Rêgo pôde nos revelar aspectos importantes das identidades de gênero, “masculinas” e “femininas” através de duas representações fantasmagóricas que assolaram a sociedade patriarcal: a identidade do “homossexual” e da “prostituta”. A primeira dessas identidades cria a partir dos personagens Ricardo e Manuel um “*outro*” distinto do homem ideal de sua região: o nordestino, tipo étnico-vigoroso, “macho por excelência”. A segunda propõe discutir as representações dos códigos de conduta da mulher num momento intenso de crescimento urbano-industrial no país e na região.

Palavras chaves: Gênero. Identidade. Homossexual. Prostituta. Nordeste.

Abstract

The novel *USINA* (1936) BY José Lins do Rêgo might reveal important aspects of gender identities, "MALE" and "FEMMALE" through two ghostly representations that have disturbed the patriarchal society: the identity of "homosexual" and "prostitutes". The first of these identities are created from the characters Ricardo and Manuel, so, another distinct type of an ideal man for the Northeast region: ethnic type, vigorous and male for excellence. The second discusses the representations of the women conduct codes in a moment of intense urban-industrial growth in the country and the region.

Keywords: Gender. Identity. Homosexual. Prostitute. Northeast.

Somente o fim de uma época permite enunciar o que a fez viver, como se lhe fosse preciso morrer para torna-se um livro (CERTEAU, 1994 : 300-301).

Partimos do pressuposto de que a História é uma narrativa de eventos e que todo o resto são suas resultantes. Já que de fato é uma narrativa, ela não faz reviver esses eventos, como também não o faz o romance. O vivido, tal qual ressaí das mãos do historiador, não é o mesmo dos romancistas. É uma narração que permite evitar alguns falsos problemas.

Como num romance, a História seleciona, simplifica, organiza e faz com que fatos e eventos ganhem sentido no interior de uma trama. Dessa maneira, a narrativa histórica situa-se para além de todos os documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento. Ela não é um documentário em fotomontagem e não mostra o passado ao vivo “como se você estivesse lá...”, mas assim como no romance, a história é anedótica e nos interessa, pois narra e distingui-se do gênero literário num ponto essencial: a escrita da história é balizada pelos documentos / monumentos que dão veracidade a sua narrativa (VEYNE, 1998: 18-19).

Nesse sentido é importante nos darmos conta de que a literatura – a obra literária – como nos sugere Foucault (2000), não vem de uma espécie de “brancura” anterior à linguagem, mas justamente da repetição contínua da biblioteca, da impureza já letal da palavra.

Queremos dizer, portanto, que a obra interpela a literatura. Dá-lhe garantias, impõe a si mesma e aos outros que se trata de signos “reais”, onde cada palavra e cada frase pertencem à literatura. Logo, acreditamos que toda obra diz o que ela se propõe a dizer. Conta a sua história, sua fábula, mas, além disso, diz o que é literatura enquanto estética artística e política (FOUCAULT, APUD; MACHADO, 2000: 146).

Não é à toa que Albuquerque Jr. (1999) defenda a tese de que nos romances nordestinos, tais quais *Usina* de José Lins do Rego, vejamos se cruzar uma crise de sociabilidades com uma de intelectualidade tradicional, a qual inspirada pela produção sociológica freyreana e por toda uma produção discursiva anterior, equaciona a sua desterritorialização pessoal e social como “*problema regional*”, tornando este romance, particularmente, num discurso que visa formar uma consciência crítica e participante nas transformações históricas do país. Seja para barrá-las ou dirigi-las numa dada direção. Vemos então que essa literatura, longe de representar apenas este objeto, participa diretamente de sua invenção (ALBUQUERQUE JR, 1999: 123).

O romance *Usina* de José Lins do Rego retrata uma sociedade onde as relações de poder eram baseadas em relações pessoais, tais quais: a endogamia, a especialização regional das condições de vida, de habitação e de dieta; além das restrições sociais às relações sexuais. Sociedade regida pelos rígidos códigos da consangüinidade e ameaçada no início do século XX (décadas de 20 e 40) pela dissolução das hierarquias tradicionais de classe de raça e de sexo.

Nesse período, a democratização da sociedade, assim como da política brasileira, desestabilizou as relações de poder da antiga aristocracia local, proporcionando o surgimento de novos grupos sociais (comerciantes, industriais, operários, a classe média), que, ao emergirem do

processo de modernização da sociedade, proporcionaram a alteração de suas relações sociais, culturais, econômicas, de trabalho e de gênero. Colaborando assim, com o surgimento de uma sociedade de indivíduos que passava a possuir direitos e deveres, desligada das relações definidas como hierarquicamente superior.

Neste íterim o romance nos mostra a utopia de se restituir um mundo que ficou pra trás. E por não poder revivê-lo, vemos a narrativa como “uma forma de vingança contra aqueles que levaram a dissolução das relações sociais tradicionais”. Por isso Zé Lins espalha em suas páginas dor, doença, melancolia, aleijões, tristezas, loucuras (ALBUQUERQUE JR, 1999: 131).

A obra de Zé Lins divide o que seria vida natural – tida como vida regional - e vida artificial, estranha; descaracterizadora deste espaço. Portanto, *Usina*, pode ser tomada como a narrativa de um processo de destruição, e ao mesmo tempo, um esforço de reconstrução de seu espaço interior e exterior a partir de fragmentos de vida que não mais existem.

O autor, por intermédio de sua obra, faz uma análise da alma humana, que se liga diretamente à relação existente entre a intervenção no espaço social e natural à sua volta. As ações de todos os personagens se dão no sentido de reforçar a antiga ordem ou de afrontá-la de forma esporádica e isolada. Isolamento... Solidão... Diante dos outros e frente à sociedade que os cerca. Condição a que estão condenados todos os seus personagens – homens e mulheres que não conseguem transpor as fronteiras de seu mundo ou do seu “eu”, homens e mulheres com dificuldade de comunicação, principalmente diante de um sistema que parece arranjado para fazê-los sofrer.

1- O RETORNO: RICARDO E OS AMORES QUE NÃO SE DEIXAM FALAR

Eu sou Ricardo, moleque de cria que trazia os jornais da estação, que fugi, que me danei pelo mundo, que estive em Fernando, que vi gente morrer; que vi homem na cama dos outros. Eu sou um negro infeliz, sem amigos, sem mulher, sem vontade de amar (REGO, 2002: 86).

Quando soubessem em Recife o que ele fizera na ilha. O seu envolvimento com o sr. Manuel... Na ilha todos sabiam da coisa, olhavam para os dois como marido e mulher. Ninguém reparava naquilo, quase todos viviam assim... Agora, estava sozinho no mundo, como um infeliz, um “Judas”! Seu Manuel gostava dele como ninguém. “Mas não poderia demonstrar aquele amor, seria levado no deboche, olhado como safado” (REGO, 2002: 74). O corpo quebrado pelas trabalhadoras, pelas oito horas de picareta, o lombo doído, as mãos ardendo... Se dormisse era bom, se o mundo começasse outra vez seria uma ressurreição. Mas não! O mundo não era o mesmo e o passado estava tão junto dele como se fosse naquele dia...

Todos chegavam do presídio com a impressão de estarem retornando do inferno. Para Ricardo não. Ele voltava e a vida que lhe apareceu foi uma vida de encarcerado sem esperanças. Para ele só haveria um jeito: fugir para o Santa Rosa. Mas tudo por lá estaria mudado. “Falavam que no Santa Rosa existia agora uma usina montada” (Id. *Ibidem*: 74-80).

Era o que pensava Ricardo sentado no banco de segunda classe do trem da Paraíba. Ao seu redor estavam os canaviais, os bueiros do engenho, as terras cobertas de roçados, os trabalhadores parando a enxada para ver o trem passar roncando... Uma experiência especulativa do mundo: estar fora dessas coisas que ai está. Lembranças destacadas, absolutas; surpreendido com sua efêmera e tranquila estranheza.

Olhava de sua janela tudo isto, mas não via. O pensamento estava perdido por longe, nas lembranças que desfaziam e refaziam continuamente as relações que entre si mantêm fixos Espaço e Personagem (CERTEAU, 1994: 194-195). Viera de Fernando de Noronha, após dois anos no presídio em meio aos criminosos, com o mar imenso cercando-os de todos os lados. Lembrava-se da ilha...

Todos tinham raiva do mar. Um ódio igual ao que tivessem pelas grades da cadeia. O mar prendia-os, o mar era o grande carcereiro. Sair de Fernando, fugir, era mais um encontro com a morte. Um suicídio a que muitos haviam se submetido. As escápidas da ilha eram contatas como os maiores acontecimentos que pudessem existir no mundo. Melhor cair no mar, nos quatro paus de jangada e deixar que o vento os levasse à vontade. Podia ser que dessem em uma praia em que pudessem ainda pisar, em terra que não fosse à terra maldita da ilha (REGO, 2002, p. 49).

Luís da Câmara Cascudo (2002) nos mostra que quando a ilha de Fernando de Noronha era presídio, os sentenciados viviam a planejar fugas inacreditáveis, porém reais. Reuniam-se,

deliberavam-se, e por vezes, passavam anos organizando a evasão, reunindo elementos para possibilitá-la. O transporte único era a jangada. Para tal, valiam-se do mulungu, macio e leve substituto do pau de jangada. Escondiam-na, arranjavam víveres, e quando dispunham de hora oportuna, atiravam-se ao mar. Mar sempre agitado e bravio de Fernando de Noronha.

Veza por outra uma jangada com dois ou três presos arribava numa praia ao Norte de Natal, alturas de Macau, Mossoró ou no litoral do Ceará. Famintos, esgotados, exaustos nas jangadas. Jangadas que às vezes traziam apenas cadáveres para a terra firme. Jangadas, que por vezes trouxeram um único tripulante, semi-louco, gaguejando a história espantosa da morte pela fome e sede, e, dos tubarões que rasgavam os corpos dos companheiros mortos, espalhando sangue no mar. Jangadas inteiramente vazias, boiando, sem vela, sem víveres, sem uma cabaça d'água (CASCUDO, 2002: 42).

Nos primeiros dias, algo lhe dizia que dali nunca mais voltaria... Até o dia em que “Deodato e Jesuíno correram para a casa do médico para contar a Ricardo que iriam embarcar rumo a Recife” (REGO, 2002: 57). O moleque recebeu a notícia com espanto. No princípio uma grande alegria lhe encheu a alma. Estavam às autoridades lhe fazendo viver outra vez, e aquela estranha tristeza foi tomando conta dele...

Não ia deixar para sempre aquele Fernando infeliz? E por que agora não era o mesmo? Que força ou mandinga era aquela que ele não sabia decifrar? Havia os que esperavam anos e anos sem se afobar pela liberdade, no entanto, o que pensariam de um negro que se dava bem no inferno? “Calado ficava com as suas fraquezas” (REGO, 2002: 48). Nessa situação, o paradoxo é o silêncio das coisas colocadas à distância, que por trás da vidraça, de longe, ora faz a memória do personagem falar, ora tiram da sombra os sonhos de seus segredos.

Foi necessário para José Lins do Rego esse corte realizado no início do romance *USINA*, para que pudessem nascer às paisagens conhecidas por intermédio dos discursos que dão visibilidade à região Nordeste e a esta intrigante fábula: os dramas existenciais de Ricardo, que uma vez fora do engenho, se vê confrontados com uma nova possibilidade de identidade de gênero, com um novo modelo de subjetividade, o “ser” homossexual (ALBUQUERQUE JR, 2000: 29-30); e, por sentir por seu Manuel um amor que nunca sentira por mulher nenhuma. Essa sua crise de masculinidade se torna no romance um amor que não se deixa falar a respeito.

Ao narrar os sentimentos de Ricardo por seu Manuel como um caso limite da vida social, deixando-o se exprimir apenas nos confins do mundo, “no meio do mar, perdido dos olhares de

Deus” (REGO, 2002: 46); Zé Lins cria na figura de seu personagem uma espécie de ser ocioso e dispensável. Um homem descartável por ter se entregado de corpo e alma às relações homoeróticas ¹ com o sr. Manuel; um “outro” distinto do homem ideal de sua região: o nordestino, tipo étnico-vigoroso, macho por excelência. Um homem heróico, flagelado pelas fatalidades sociais e climáticas; visto por Zé Lins e seu amigo Freyre, como o herói de um grande número de histórias de coragem e de aventuras de amor. Tido como “cabra danado!” “Cabra escovado!” “O cabra bom!” “O cabra de confiança!” Homem a quem a imaginação do povo atribuía uma potência sexual extraordinária, a quem não faltariam vantagens físicas e excepcionais de coragem e valentia (FREYRE, 1989: 157-158).

Desse movimento realizado pelo autor, ficam-nos as seguintes perguntas: Como e sob que forma o prazer obtido entre homens pôde constituir-se em um problema para obra? Por que esse personagem se torna a incorporação das perversões da ordem social? Por que essa fisiologia misteriosa?

Na opinião de Albuquerque Jr (1999), a angústia diante do sexo é típica dos personagens de Zé Lins. Tal aspecto nos demonstra a passagem de um sexo acessório, de um sexo prático, “feito de buliçosas curiosidades de meninos”, sexo sem culpa, de uma sociedade de consangüinidade para uma sociedade de sexualidade, do sexo centro do indivíduo, do sexo problema, catalogado entre a normalidade e a anormalidade. Nesse contexto, as relações homoeróticas também simbolizam a decadência de uma sociedade cujo núcleo era a família, e o patriarca o homem viril (ALBUQUERQUE JR, 1999: 135-136).

Na pesquisa que realizamos, percebemos certa simbologia na inversão da ordem entre senhores e escravos, representada por intermédio do relacionamento amoroso de Ricardo e seu Manuel, “que era um branco, tinha um cabelo estirado como os brancos do Santa Rosa e vivia precisando dele, fazendo o impossível para lhe arranjar um agrado” (REGO, 2002: 61).

Sobre este aspecto, Bourdieu (2003) e Foucault (1985) nos mostram que em inúmeras sociedades a posse homossexual é vista como uma manifestação de “potência”. Um ato de dominação, exercido em certos casos, para afirmar uma superioridade, “feminilizando” o outro.

¹ A expressão é proveniente da palavra “homoerotismo” que é empregada para aludir ao que chamamos de “homossexualismo” na língua corrente. O motivo seria porque palavras como: “homossexualidade”, “homossexual”, remete ao vocabulário do século XIX, que deu origem à ideia de homossexual; o que significa que toda vez que as empregamos, continuamos pensando, falando e agindo emocionalmente inspirados na crença de que existem uma sexualidade e um tipo humano “homossexual” anterior à cultura que lhe dá significado. (COSTA, 1992: 11).

Entre os gregos este título leva àquele que sofre a desonra à perca do estatuto de homem e de cidadão, ao passo que para um cidadão romano, a homossexualidade “passiva” com um escravo é considerada algo “monstruoso” (BOURDIEU, 2003: 32; FOUCAULT, 1985: 28).

Ressalvadas as diferenças de procedimentos e o grande lapso de tempo entre a Antiguidade “clássica” e o Brasil “moderno”, observa Mott (1986), que as práticas homoeróticas entre senhores e escravos durante os séculos XVI e XVII, nos Inquiridos da Inquisição dos estados da Bahia, Pernambuco e Grão-Pará, tratavam da posição assumida no ato homossexual e as condições raciais dos parceiros, mostrando:

1º que os conceitos de ativo (“agente” como diziam no tempo da Inquisição) e passivo (“paciente”) são categorias repetidoras da bipolaridade heterossexual do macho-fêmea, não encontrando obrigatoriamente correspondência estrita nos atos homossexuais;
2º que ser penetrado ou penetrar não implica *ipso facto* em inferioridade ou superioridade de um parceiro *vis-à-vis* o outro;
3º que as preferências por uma ou outra posição, ou pelas duas, não refletem obrigatoriamente a hierarquia dominante fora da alcova. Assim é que encontramos nas relações sodomíticas inter-raciais todo um *continuum* de interações, ora os brancos exercendo seu poder e prepotência de casta superior, ora os de cor encontrando mil e um artifícios para serem eles os donos do poder, ao menos neste micro-universo didático ditado pelo homoerotismo. Dispomos de alguns casos referentes a brancos prepotentes que confirmam as suposições de Gilberto Freyre quando conjecturou: ‘Nas condições econômicas e sociais favoráveis ao masoquismo e ao sadismo, criadas pela colonização, a princípio de homens quase sem mulheres – no sistema escravocrata de organização agrária do Brasil, na divisão da sociedade em senhores todo-poderosos e em escravos passivos, é que se devem procurar as causas principais do abuso de negros por brancos através de formas sadistas de amor, que se acentuaram entre nós e foram em geral atribuídas à luxúria africana’ (MOTT, 1986: 33-34).

Estamos certos de aqui não estarmos cometendo um anacronismo. Ao nível das práticas dos personagens Ricardo e sr. Manuel nesse espaço, vemos que os mesmos podiam vir ou não a reproduzir os códigos de masculinidade e gênero, bem como o dispositivo da sexualidade entre homem e mulher, ativo e passivo, de tal forma que a interação entre os respectivos personagens representa em *Usina* a inversão dessa ordem, pois “quando a noite entrava de ilha adentro, seu Manuel chegava-se para ele, vinha medroso, trêmulo e, perto do seu negrinho o assassino perdia a coragem, parecia mais uma pobre vítima, sem força para erguer a voz” (REGO, 2002: 56).

Observando a circularidade existente entre discurso e práticas no sentido múltiplo das inter-relações existentes na trama de *Usina*, constatamos a existência de uma brecha entre o dizer

e o fazer neste micro-universo didático ditado pela fábula do relacionamento homoerótico de Ricardo e seu Manuel, pois, neste aspecto, a ilha de Fernando de Noronha surge como espaço da inversão da ordem dominante, da perda da virilidade do homem nordestino.

Para homens como Zé Lins “custava a compreender a razão de seu Manuel, um homem com três mortes, fazer coisa assim, feito uma mulher no cio” (REGO, 2002: 46). Por intermédio desses argumentos procuramos mostrar as evidências desta possível inversão, além do abuso de poder e violentações sexuais que existiam nas relações homossexuais vivenciadas nessa sociedade carcerária.

Este último aspecto, é demonstrar por intermédio do personagem Jesuíno, que ao chegar ao presídio fora posto com presos imprestáveis; os párias, os ínfimos. Jesuíno sofrera o diabo assim que chegou a Fernando de Noronha, mas logo depois um guarda o escolhera para criado, fazendo-o de “mulher”. Isso lhe parecia muito melhor que a vida com os pestes, com os sentenciados que não tinham jeito de gente (REGO, 2002: 47).

Compreendemos, por intermédio deste ponto de vista aqui apresentado, que o poder está ligado à sexualidade, e que a pior humilhação para um homem, como nos mostra Zé Lins, consistiria em ser transformado em “mulher”.

Tal experiência fez com que Jesuíno se tornasse um “fantasma de pai”, pois de volta a Recife e “ganhando como um menino, (com) a mulher dando de quando em vez aquelas tremedeiras de Xangô. Tudo isto fazia que o pobre nem tivesse mais coragem de dar um grito, de pegar os filhos pelas orelhas”, e de lhes ensinar a condição de homens e trabalhadores, evitando que tivessem um destino errante como ladrões (REGO, 2002: 42). Aqui, vemos que a homossexualidade é tratada como uma patologia urbana. É a perda da virilidade de Jesuíno.

No engenho e nos códigos de consangüinidade o homossexual não existia. O que havia era o sodomita, visto como um “bobo de Deus”. Tipo destinado e marcado por desígnios sobrenaturais que estavam aquém ou além da moral. Não era como o “homossexualismo”, esquadrihado e classificado pelos códigos da sexualidade como algo fora da natureza, da normalidade; como uma perversão ou doença, mas era um mistério que só o destino explicava. A sodomia na região Nordeste seria coisa “dos tempos de menino, das porcarias que faziam entre si na bagaceira, ou de homens tidos quase como sacerdotes”.

Zé Lins nos mostra que Ricardo, quando começa a perceber o interesse de seu Manuel, “lembra que no engenho havia, no entanto um velho dado àquela história”. Era o negro Pereira

que tirava esmola para os santos. Diziam que ele gastava o dinheiro de Nossa Senhora do Rosário com os amigos. O velho Pereira vivia de opa, com prato, e com a coroa da Virgem, andando pelas estradas atrás de esmola. Gostava de viver com homens. Ricardo ouvia os cabras do eito falando da fraqueza do tio velho e muitos deles já tinham sido, na certa, os preferidos, os papadores dos cobres de Nossa Senhora. No entanto, na frente do negro velho ninguém ousava uma palavra, um dito safado. Respeitavam-no, não lhe diziam nada que não fosse da maior consideração. As mulheres tinham o preto na conta de grande. Nenhuma que se atrevesse a uma palavra menos respeitosa. “Até as raparigas sabiam respeitar o grande concorrente”. Ricardo só conhecera no engenho aquele (REGO, 2002:43-44).

Neste ínterim, poderíamos afirmar que a homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade no momento em que foi transferida da prática da sodomia para uma espécie de androgenia interior, uma espécie de hermafroditismo da alma; onde a identidade do “sodomita” originava práticas que beiravam o sagrado. Muito bem representada no personagem Mané Pereira, que de estrada a fora como enviado de Deus, pedindo para a gente do céu, compactuava com alguma conspiração diabólica. Se o sodomita dos antigos direitos civis ou canônicos era um reincidente, o homossexual passa a ser tomado como uma espécie pelo saber higienista a partir do ano de 1870 (FOUCAULT, 1988: 43-44).

Esta crescente visibilidade de práticas homossexuais, ainda enunciadas em *Usina* como “sodomíticas”, começa a preocupar o saber médico na região Nordeste. Esse saber procurou estudar as causas e estabelecer formas de combate, considerando essas práticas como sendo uma inversão sexual, doença física ou psíquica que carecia de tratamento. Portanto, como demonstra Albuquerque Jr. (2003), o termo “homossexualismo” vai sendo introduzido no país e na região por esse discurso médico, onde já nos anos trinta advertia que não se poderiam tratar as “vítimas” da inversão sexual como pecadores, viciados ou criminosos, mas como pessoas doentes, que em vez de serem castigadas precisariam ser tratadas (ALBUQUERQUE JR, 2003:80; 2008: 440-441).

Entretanto, Zé Lins deixa transparecer em sua narrativa que ali em Fernando era coisa comum. “Os homens-mulheres não eram raros como no engenho”. Seu Manuel cozinheiro era um. Não havia mais dúvida. Inicialmente Ricardo teve medo, uma vergonha maior do que aquela de amar sozinho, onde nas noites calmas da ilha sonhava com as suas mulheres: Isaura e Odete. Pensou naquilo com nojo uma porção de dias. “Um homem servir-se de outro...” Repugnante?!

Não sabia o que dizer... O tempo, porém, foi dando costumes às suas repugnâncias (REGO, 2002: 42-45).

Acabara por gostar muito do outro. Nunca ninguém fora dele assim nem fizera dele um tudo no mundo. Ninguém no mundo tivera para ele um amor como aquele de seu Manuel. Ele, Ricardo, seria um Deus, se quisesse, para o outro. Seu Manuel rezava para ele, cantava, trabalhava. O dia de seu Manuel, os pensamentos, a alegria, a tristeza, tudo era de Ricardo, que agora se ia para sempre e que na partida também chorou. Na saída do navio houve passagens de cortar o coração. Choravam os presos na praia, os que ficavam. Aqueles que se separavam de amigos, de apaixonados, separavam-se como mulher de marido que fosse levado à guerra; e na despedida da praia, enquanto todos se separavam, eles se abraçavam em meio ao povo. Pela primeira vez em sua vida Ricardo sentiu que um ser dependia dele, que uma pessoa sofria por sua causa (Id. *Ibidem*: 58-61).

Essa focalização, em vivências fortemente problemáticas, nos revela os paradoxos das construções sociais de gênero, pois se encontram sempre inscritas no próprio modo de construção social da idéia de “masculino”. Uma virilidade que supõe a disponibilidade total para a realização das atividades sexuais. Associadas ao lugar simbólico do “masculino” como lugar da iniciativa sexual (ALBUQUERQUE JR, 2008: 466).

Nessa passagem, também vemos que a amizade dos personagens inventados por Zé Lins, surgiu como uma “válvula de escape”, permitindo inventar um espaço de desvio. Uma saída para o dilema entre uma saturação de relações surgidas da dinâmica da modernização e de uma solidão ameaçadora.

A amizade de Ricardo e seu Manuel nesta narrativa, veio à tona como uma alternativa à vínculos tradicionais como o matrimônio e a ausência ou separação espacial de suas famílias. A amizade pôde satisfazer nesta estória, necessidades afetivas, sem cortar a autonomia social e a independência que Ricardo acabara de ganhar com a possibilidade de voltar a Recife.

Sobre essas considerações, Ortega (1999) nos mostra que a amizade aceita social e culturalmente não representaria um problema. Mas desde que a amizade se desfaz como forma de relação tolerada culturalmente, uma indagação paira no ar: “O que fazem os homens juntos?”. Nesse sentido, a homossexualidade acaba por se tornar um dilema médico e sócio-político. Contudo, os homens e o masculino, raramente são contextualizados numa problemática de gênero.

Para a parte do romance consagrado ao masculino, pareceu-me útil analisar as relações que ligam os homens e as relações sociais de sexualidade; questionando a exclusividade dos papéis ditos masculinos, onde, especificamente nesta representação, “o feminino” se torna pólo antagônico central. O inimigo interior que deve ser combatido (ORTEGA, 1999: 165).

Isso nos mostra o papel central que a homofobia desempenha. O papel de coerção social que se exerce entre os homens desde os primeiros passos de sua educação. Por isso há a necessidade de entre os homens da região Nordeste se valorizar a virilidade, mostrando-se superior, forte, competitivo... Caso contrário, são tratados como os fracos e como as mulheres. Por isso era que Ricardo não podia ficar em Recife. “Não tinha amor por mulher, não tinha a fé de Leopoldina, a coragem de Sebastião, a raiva de Deodato, a bondade de Jesuíno. O amor de seu Manuel enchera-lhe os dias da ilha de uma satisfação incalculável. E não podia falar disto a ninguém. Amor de um homem que era a miséria de um para com os outros” (ALBUQUERQUE JR., 2008: 457-458; REGO, 2002: 80).

Passavam as estações e Ricardo via as chaminés das usinas. Altas como torres, feitas de tijolos encarnados, bem diferentes dos bueiros brancos dos engenhos. Como estaria o Santa Rosa virado em usina? Teriam botado abaixo a casa rasteira do engenho, teriam subido os paredões, construído uma chaminé como aquela que ele via, igual às das fábricas de tecido? Em breve a casa do Santa Rosa estaria à sua frente, bem nítida. A casa-grande, a gameleira, os pés de *flamboyant*, o curral, a casa de farinha, a rua onde dormiam as negras que vinham do cativeiro. Teriam mudado tudo isso? A ânsia de chegar, de botar os pés na terra que conhecia palmo a palmo, de pisar a terra que os seus pés de menino pisaram perturbava a visão do negro, que se encontrava de olhos estendidos para a paisagem que o trem cortava. E, enquanto o trem corria Ricardo sonhava. Há não sei quantos anos, num banco daquele, viera para a terra aonde os negros eram mais livres, mais do que no engenho, aonde em vez de alugados seriam empregados, aonde tivera regalia de homem livre, e pudera mandar em sua vida. Tivera a vida nas mãos e fora àquela desgraça (REGO, 2002: 82).

E imutável, o viajante ia alojado no seu compartimento, numerado e controlado no tabuleiro do vagão, abandonado aos excessos minuciosamente delineados e mapeados nesta paisagem. Neste isolamento o personagem Ricardo torna possível a produção de uma ordem. De um mundo que se fazia na contra-mão da modernidade e da urbanização de Recife (CERTEAU, 1994: 193).

Acabou o isolamento do passeio. A bela abstração do vagão sucede agora ao compromisso e a opacidade de sua dependência. O moleque pisa por fim em terra firme. Era ali mesmo, onde há oito anos passados vinha buscar os jornais do coronel. A vida lhe tirara a goga de ser livre. Prendera os pés e os seus braços com correntes mais pesadas do que aquelas que os negros arrastavam no cativoiro. Foi andando. O cheiro do mato entrava-lhe de ventas adentro. Aquilo não era cheiro de quintal de Recife, de mato rasteiro da ilha. Via bem a chaminé vermelha da usina subindo para o céu limpo (REGO, 2002: 86-87).

2- ENTRE PROSTITUTAS, AÇÚCAR E USINA: A ASCENSÃO E QUEDA DO DR. JUCA

O Packart roncava pela estrada de Goiana. O dr. Juca via a chaminé da Goiana Grande fumaçando preto. As águas das levadas corriam pelos partidos de cana. Um dia a Bom Jesus seria maior do que a Goiana Grande. Zona, ela tinha para mais e as máquinas viriam. A São Félix se reduziria a um nada. A usina dele seria a maior do estado. Catunda, com mil e quinhentos sacos por dia. Tiúma eletrificada. As terras da Bom Jesus seria um partido só. Trens atravessavam os seus canaviais. Locomotivas da Bom Jesus entrando pelas várzeas, cortando pelos altos. E ele o homem mais rico da Paraíba. As raparigas bebiam champanha como água. Mandaria os filhos estudar na América. A mulher passearia coberta de jóias, como uma rainha. As filhas se casariam com filhos de outros usineiros (REGO, 2002: 122).

Nesse fragmento que inicia esta secção nos deparamos, simultaneamente, com o despertar de um sonho e o indício da decadência de um homem. Por que longe do que pensa Juca, Zé Lins irá demonstrar que o mundo burguês parece pronto para degenerar Juca por intermédio do sexo, da doença e emasculação.

De acordo com a narrativa do romance de Zé Lins, no quarto ano de safra a vida da família do usineiro conheceu uma mudança quase que radical. Os meninos já não estudavam na Paraíba. Haviam passado para os colégios caros de Recife, no entanto, d. Dondon não ia muito com esta ostentação, no entanto o marido queria, fazia questão que a família dispusesse de todo o conforto. Ele mesmo não saía do automóvel. Da Paraíba ao Recife, gastando sem pena, dado que era, como sempre fora, às mulheres, aos prazeres das companhias alegres.

Sozinho na casa-grande o dr. Juca trazia sempre para passar o seu tempo um ou outro amigo da cidade. Eram seus companheiros de noitadas. Sujeitos que viviam do açúcar da Bom Jesus, “das liberalidades de um usineiro que não tinha pena de gastar”. Às vezes chegavam até com mulheres que desejavam ver a usina moer. Por isso o dr. Juca não queria a mulher e os filhos metidos na Bom Jesus. Ficasse d. Dondon na Paraíba, no palacete bonito que comprara, e os filhos nos colégios de Recife. Usina era lugar de trabalho. Catunda e Tiúma não tinham mulher de usineiro empatando os serviços. Eram firmas comerciais, dando as suas ordens. Ordens secas, resolvendo tudo sem pena de ninguém. E por isso foram à diante do jeito que foram (REGO, 2002: 169-226).

D. Dondon, porém, na sua casa da cidade, não se sentia à vontade. Vivia sempre reclamando a sua vida da casa-grande. Juca não permitia que ficasse sozinha, sem os meninos por lá. Só pelas férias é que voltaria para o casarão amigo, para os seus passeios à tarde pela estrada com os filhos andando pelos arredores. O marido, nos tempos da moagem, demorava-se mais ao seu lado. Até alta noite ficava ele dando ordens, olhando para o serviço que estava sempre precisando de gente para mandar. Usina não era bangüê que andava por si, que se deixava governar por um simples mestre-de-açúcar.

Aquela usina viera para lhe destruir a vida. Juca não queria mais saber dela, e d. Dondon não podia deixar de saber das vadiagens do marido. Casara-se sabendo das histórias do noivo. Falaram-lhe das cachorradas do engenho, das raparigas na Paraíba. Outras, como ela, teriam tido maridos assim. “Ali pelos engenhos os maridos tinham direitos que elas mulheres respeitavam”. O exemplo dos velhos animava-os. O dr. Juca não escandalizava a mulher com as suas histórias, mas o relaxamento do marido estava fazendo as meninas sofrerem. Com filha moça dentro de casa, a coisa mudava de figura. Elas não suportariam um pai vadio, vivendo de mulher em mulher. Por ela não se importava mais. Sabia muito bem que estava ficando velha. Agora ela só existia mesmo para os filhos. Para encobrir do marido as traquinagens dos meninos e os namoros das meninas:

Dondon não sofria pelas traições do marido porque dispunha de quatro criaturas que lhe enchiam a existência. Juca podia fazer o que bem quisesse. Desde que respeitasse a ela e aos filhos, pouco se importaria com as pernadas que desse por fora. “Não era mais uma criança para andar sofrendo de amor. Tinha as filhas para ajudá-las, para pensar no casamento delas. **Deus as livrasse de homens raparigueiros como o pai, como os avós delas, gente para quem a mulher era só para dentro de casa, como um móvel.** Queria maridos para as suas filhas, maridos bons, que não fossem aqueles grosseiros dos engenhos, que só queriam mulher para lhes encher a barriga de filhos. Nossa Senhora da Conceição daria rapazes de linha, que soubessem tratar bem Maria Augusta e Clarisse, como elas de fato mereciam” (REGO, 2002: 137, Grifo nosso).

Até aqui, vemos também que nos espaços e com eles, delineiam-se as funções e estabelecem-se as relações entre os gêneros. A casa enquanto mundo feminino é o espaço onde se explicitam as funções das mulheres: a maternidade e o zelo doméstico. Lugar que lhes propiciam o dever de serem laboriosas, de cercarem os seus homens de cuidados e de zelarem pela felicidade dos filhos. Aos homens, ficava reservado o espaço público, lugar onde buscavam o sustento da família, que também se tornava para alguns, espaço da diversão, onde depois da rotina do trabalho caíam na boemia em busca dos prazeres noturnos.

Essa divisão dos espaços presente na narrativa de *Usina* é oriunda do processo de urbanização e industrialização emergente nos anos 20 do século passado, e trouxe neste momento, a preocupação com a ordem e o trabalho, gerando a necessidade de diferenciar o espaço do trabalho de outros espaços. Tornando cada vez mais clara uma divisão no mundo urbano (Id. *Ibidem*: 57).

Ao longo deste artigo, podemos demonstrar que a literatura pôde nos revelar aspectos importantes das identidades de gênero “masculinas” e “femininas” da região Nordeste. Pois em *Usina*, José Lins do Rego foi capaz de traduzir os anseios, e de captar as angústias e desejos de sua época. E não apenas da classe social a que pertencia o autor. Zé Lins, por intermédio desta fábula construiu a sua representação do fenômeno, atuando como ponto de referência para o historiador e respondendo às suas aspirações: o enquadramento conceitual da mulher enquanto “rainha do lar” ou “mulher da vida”.

Esses enquadramentos impulsionaram mudanças nos costumes familiares do modelo patriarcal da família do personagem Juca, que representam neste contexto a confusão nos modos de ser “homem” e “mulher” na região Nordeste durante o início do século XX. A intenção de discutir os discursos que constituem as representações da prostituição na obra em questão nos mostra a emergente preocupação com a moralidade pública e, mais especificamente, com a definição dos códigos de conduta da mulher num momento intenso de crescimento urbano-industrial.

Sobre essa questão, Margareth Rago (1991); propõe-nos que tal enquadramento conceitual fora o caminho que os homens cultos do período encontraram para se referirem à condição feminina, aprazendo-se, em representar as mulheres de forma muito enfeitadas e embelezadas por todas as pompas artificiais, seja qual for o meio que pertençam. O delineamento dos contornos que assumia a geografia do prazer, em torno do bordel se constitui para os homens

deste período em um universo de atividades de lazer e cultura, antes inexistentes no espaço urbano. Aqui, ressalvadas as diferenças geográficas e econômicas entre São Paulo e o Nordeste, vemos a validade desta argumentação (RAGO, 1991: 26).

Os códigos que regem as práticas vigentes nesse microcosmo da natureza e nas relações que se estabelecem entre clientes, caftinas, entre as próprias meretrizes, e para aquilo que diferencia o alto e o baixo meretrício no campo das representações elaboradas em *Usina* por Zé Lins, onde, Jacqueline na Pensão Mimi com suas polacas “afrancesadas” representam o luxo e o poder de modernização e ascensão social dos ricos coronéis e jovens bacharéis. Assim como a Pensão Peixe-Boi, com as suas “meninas-da-terra”, representadas como prostitutas de baixo escalão seria o espaço propício para os homens das classes populares e de decadentes senhores de engenho. Neste contexto, d. Julia aparece como a representação da “rapariga nordestina” humanitária e anti-burguesa (REGO, 2002: 122-123).

De fora, parece-nos que Jacqueline era capaz de lançar uma luminosidade nova sobre antigas práticas, arejando as relações sociais e sexuais e metamorfoseando o cotidiano monótono. Em torno dela, Zé Lins elaborou múltiplas possibilidades de expansão das formas de consumo do prazer que podiam ser imaginadas e vivenciadas nessa mescla de fantasia e realidade, o que também não ausenta elementos de violência, como veremos ao longo deste artigo (RAGO, 1991: 169).

Logo, bendita ou maldita, d. Julia e Jaqueline eram mulheres bastante solicitadas pelos homens interessados em suas “protegidas” e na descrição que os seus estabelecimentos garantiam, já que ao contrário das senhoras “respeitáveis” como d. Dondon, que eram impedidas de participar do mundo público essencialmente masculino, d. Júlia e Jaqueline eram empresárias capitalistas, que se relacionavam com homens influentes, dos quais conheciam segredos íntimos. O que nos sugere uma relação de exterioridade com o desejo, pois não se prostituíam, “negociavam com a carne das outras” (Id. Ibidem: 176).

A substituição progressiva das prostitutas nacionais por estrangeiras, como iniciadoras do nordestino adolescente no amor físico, ou como objetos de “dispêndio conspícuo”, da parte de homens de idade, homens de fortuna como Juca, desejosos de exhibir ou de ostentar nas amantes, ora a pujança do sexo, ora a opulência da sua situação econômica; seria a explicação para esta mutação histórica pela qual a sociedade açucareira vinha passando.

A polarização entre a “menina-da-terra” e a “francesa” representava respectivamente a pureza da região e a atração pela Europa supercivilizada. A “menina-da-terra” representaria as tradições patriarcais, rurais, escravocratas; a francesa representaria a modernidade e a civilização urbana (ALBUQUERQUE JR, 2003: 112-113):

Por isso as visitas do dr. Juca à Pensão Mimi vinham lhe exasperando. Era assim que ele pagava a sua dedicação. Quanta coisa boa não arranjava para o usineiro! O bicho enricara, botara usina. Gente daquele jeito não ia com ela; gostava do Caetaninho, da Pontegi. Há vinte anos que era seu freguês. Fora senhor de engenho e era usineiro sem mudar de cara. Não vinha ao Recife que não fosse à sua casa. **“Homem de bem fazia era assim”. “O Juca crescera a barriga. Porém as francesas vingariam as suas mágoas”**. Deixasse só o açúcar cair. Já vira em Recife usineiro tomando benção a cachorro. Açúcar virar lama nos armazéns (REGO, 2002: 126 – Grifo nosso).

Percebemos que participar do submundo da prostituição no Nordeste das décadas iniciais do século podia não ser uma experiência apenas negativa e imoral, para muitos homens de destaque no mundo da política e das finanças, a companhia da meretriz preenchia seus anseios de ser admirado pela virilidade e pela capacidade de conquistas amorosas, que levava a contabilizar nas conversas com amigos as vitórias obtidas, exceto para aqueles que viviam uma *debláque* econômica como o dr. Juca (RAGO, 1991: 187) :

O coronel Ioiô se gabou logo ao dr. Dinis e a história correu. A amante do Juca da Bom Jesus, estava o recebendo. A goga do Juca estava quebrada e o dr. Dinis que levava um contra da Clarinda se rejubilou. Outros souberam. Riram-se, mangaram do colega. Não havia amante fiel com açúcar de vinte mil-réis o saco (REGO, 2002: 322-323).

Figura nômade, Clarinda não se sedentarizou numa única relação, “a sereia cantou para Clarinda”, e “após o coronel Ioiô vieram outros”, mudando constantemente de identidade. Nomadismo geográfico que a levava a viajar insistentemente, ou a mudar-se com frequência, como observava o saber médico do final século XIX e início do século XX. Nomadismo sexual dos corpos. Não apenas pela troca rápida dos fregueses, mas pelos usos sexuais do próprio corpo. Ora “francesa”, ora “polaca”, ora “nordestina”, ela vive as fantasias e as expectativas dos fregueses (RAGO, 1991: 198).

Por fim, vemos aqui outra face da prostituição, simbolizada como doença social e revelada pelo saber médico através da associação à ideia de luxo, ilicitamente obtido através da ociosidade aliada à ambição, como nos mostra Magali Engel (1986).

Disfarçada de fada da felicidade, a prostituta comercializava o prazer gerando a ostentação, o desperdício e destruindo o patrimônio da família para alimentar o luxo. Desse modo, a prostituição afigura-se não apenas como um atentado ao trabalho, mas também como uma agressão ao seu fruto. Fortemente associada à noção de desperdício, opõe-se à ideia de acumulação, manifestando-se como elemento destruidor do patrimônio, da fortuna, da propriedade constituída (ENGEL, 1986: 189):

Orsine lhe trouxera a notícia da cachorrada de Clarinda. O primeiro desejo fora correr à pensão e dar um ensino na cabra. Mas não era o mesmo dr. Juca. Aquilo poderia virar um escândalo se a mulher e as filhas soubessem. Ele não procuraria mais Clarinda. Não tinha cara para subir as escadas da Peixe-Boi. Todo mundo, quando ele entrasse, estaria mangando dele, fazendo pouco. Fizera correr champanha na Mimi. Enchera dedos de aneis, dera casa para morar às raparigas. Tudo aquilo lhe parecia de uma era distante, e que fora outro homem que fizera aqueles estragos (REGO, 2002: 324).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O silêncio que envolve as práticas homoeróticas e homoafetivas presentes na primeira parte do romance *Usina* de José Lins do Rêgo parece estar associado, ao fato de que as elaborações discursivas em torno do nordestino excluem de forma sistemática qualquer referência ao feminino.

Esses amores, antes raros e excepcionais, posteriormente mais generalizados, com o início da decadência da sociedade tradicional açucareira, estariam fazendo com que os homens da região por não mais conseguirem atualizar a masculinidade ao modo dos antigos, fizeram com que o feminino e a feminilidade parecessem se alastrar ameaçadoramente para além dos padrões de comportamento de gênero vivenciados à época.

Daí, portanto, o enquadramento conceitual da mulher enquanto “rainha do lar” ou “mulher da vida”; a estereotipia da prostituta silencia e estigmatiza a sexualidade feminina além de recobri-la de imagens e metáforas assustadoras. Imagens de conotações extremamente moralistas

e associadas à ideia de sujeira, esgoto, podridão, em suma, tudo aquilo que constitui uma dimensão rejeitável na sociedade, elaborando um lugar específico para tais práticas insubmissas.

As prostitutas no romance de Zé Lins foram responsáveis pela alteração nos costumes da região tendo em vista que elas introduziram os jovens, senhores de engenho, usineiros e senhoras bem comportadas nas práticas “civilizadas”, modas europeias e vícios elegantes, fazendo com que ocorressem alterações nos antigos papéis de gênero estabelecidos na sociedade patriarcal vividos até então.

Referências

ALBUQUERQUE JR., D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FIN, Massangana; São Paulo: Cortez, 1999. 338p.

_____. Cabra macho sim senhor! – Identidade Regional e Identidade de Gênero no Nordeste. In: *Territórios e Fronteiras*. v: 1: n. 1 – julho-dezembro. 2000. Revista do Programa de Pós-Graduação em História. p. 25-39.

_____. *Nordestino: uma invenção do falo. Uma História do Gênero Masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Catavento, 2003. 254p.

_____. No Ceará tem disso não? Homossexualidade e nordestinidade ou a história dos homens tristes. In: *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008, p. 440-468.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner – 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 157p.

CASCUDO, L. da C. *Jangada: uma pesquisa etnográfica*. 2. ed. São Paulo: Global, 2002. 170p.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Trad. Epharaim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 351p.

COSTA, J. F. *A Inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992. 195p.

ENGEL, M. O médico, a prostituta e os significados do corpo. In. VAINFAS, R. (Org.) *História e sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 169-190.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989. 196p.

FOUCAULT, M. Linguagem e Literatura. In. MACHADO, R. (Org.). *Foucault, a Filosofia e a Literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 137-174.

_____. *História da sexualidade 1; A vontade de saber*, Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; Revisão Técnica José Augusto Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 152p.

_____. *História da sexualidade, 3: O cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; Revisão Técnica José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 246p.

_____. *História da sexualidade 2; O uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; Revisão Técnica de José Augusto Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984. 232p.

MOTT, L. R. B. Escravidão e homossexualidade. In. VAINFAS, R. (Org.) *História e Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p.19-40.

ORTEGA, F. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 184p.

RAGO, M. *Os Prazeres da noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890 – 1930*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1991. 322p.

REGO, J. L. *Usina: Romance/ José Lins do Rego; estudo de Antônio Vilaça*. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. 381p.

VEYNE, P. M. *Como se escreve a História; Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998. 285p.